

Apresentação

Na qualidade de proponentes-organizadoras de um Dossiê cujo tema traz como questão central a Educação de Surdos, compreendemos que seja interessante marcar a posição teórica e metodológica que caracteriza e articula os textos entre si, ou seja, a noção de que a surdez é uma invenção deste mundo. Ao partirem da concepção de que a surdez é inventada, os autores envolvidos não ignoram a sua materialidade no corpo daquele que não ouve, mas afirmam que, sobre esse corpo, verdades forjadas em distintos campos de saber inscrevem-se determinando formas de olhar e posições de sujeito dentro de intrincadas redes de relações. Culturalmente, produzimos o normal, o anormal, o deficiente, o surdo, a escola inclusiva, a escola especial, a surdez como uma marca clínica, uma marca cultural, etc. Qualquer produção e entendimento, portanto, estará marcado pela cultura e pelas verdades que nela construímos.

A ciência com a função de produzir conhecimentos que explicassem o que é ser surdo, os níveis de perda auditiva, inventou a surdez como deficiência, como algo que debilita, dificultando (em alguns casos, impedindo) o desenvolvimento cognitivo e moral dos indivíduos, bem como inventou formas de pensarmos os surdos a partir de seus traços identitários. Decorrentes da surdez como deficiência, padrões históricos foram sendo estabelecidos, sujeitos e especialistas foram-se constituindo, bem como instituições clínicas e pedagógicas, estas com forte viés clínico-terapêutico, foram sendo construídas.

Muito distantes de querer reforçar uma visão clínica que subjetivou e ainda subjetiva os sujeitos surdos e aqueles ligados por diferentes razões aos surdos, o Dossiê Educação de Surdos propõe olhar para a

surdez a partir da concepção da diferença cultural. Sem negar a falta de audição do corpo surdo, mas focando o que se diz sobre os surdos, os autores que trabalham e pensam a surdez desde uma perspectiva da diferença, entendem-na como marca de uma diferença primordial. Romper com a concepção de surdez arraigada à deficiência é um dos objetivos deste dossiê, que propõe apresentar outras narrativas sobre os surdos e sua educação.

Com a compreensão da surdez como um marcador cultural primordial, queremos virar de costas para a interpretação clínica, à que comumente damos a palavra, para significar a surdez dentro do campo dos Estudos Surdos, ou seja, dentro de um campo onde a resistência surda aos movimentos de (a)normalização definem as formas de olhar e de se trabalhar com os surdos.

Com essas pontuações iniciais, objetivamos dar o tom da leitura dos artigos que seguem, qual seja, seguir na esteira das teorizações culturais e, dentro delas, das teorizações dos Estudos Surdos, compreendendo a surdez como condição primordial na constituição de outros marcadores identitários surdos.

Os textos que agrupamos são originais nas formas de apresentarem a surdez dentro de um referencial cultural; são originais pelas leituras que fazem de situações cotidianas vividas em distintos países e são originais porque não foram publicados em língua portuguesa em nenhum periódico ou livros. Diante do exposto e da importância que acreditamos ter essa publicação, passamos a apresentar os textos que compõem o referido Dossiê.

O texto que abre esta sessão temática é o artigo “Formar, tolerar, incluir: tríade de governo dos professores de surdos” de autoria de Fernanda de Camargo Machado e Márcia Lise Lunardi-Lazzarin. Ele se propõe, a partir de uma perspectiva pós-estruturalista em educação, a problematizar os discursos da formação docente nas/das políticas de diversidade e seus efeitos na constituição e governo dos professores de surdos no Brasil.

A partir da possibilidade de pensarmos uma política de educação bilíngue para as pessoas surdas, Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado, em seu texto “Formação de professores de surdos: dispositivos para garantir práticas discursivas”, procura pensar sobre as questões que sinalizam para uma formação de professores de surdos bilíngues (ouvintes ou surdos) capixabas, condizente com as práticas discursivas sobre surdos e a surdez típicas dos movimentos da educação inclusiva.

Maura Corcini Lopes e Eliana Menezes, no artigo “Inclusão de alunos surdos na escola regular”, focam a inclusão escolar de alunos surdos e as condições pedagógicas e linguísticas que determinam realidades escolares de duas regiões, próximas à capital do Rio Grande do Sul. Para problematizarem a inclusão e as condições precárias de comunicação existentes entre professores ouvintes e alunos surdos, trazem, de forma provocativa para aqueles que afirmam que os surdos são contra a inclusão, posicionamentos de pesquisadores surdos no que se refere à inclusão que os surdos desejam. Os muitos dados de pesquisa utilizados na construção dos argumentos centrais do artigo foram produzidos em uma pesquisa financiada pelo CNPq.

Seguindo as problematizações acerca das políticas de inclusão voltadas para o campo educação de surdos, o artigo “Gestão de políticas educacionais na educação de surdos: o que cabe do paradigma da diferença na prática da normalidade inclusiva?”, de Liliane Giordani, intenciona estabelecer articulações entre as políticas oficiais em educação, que prometem uma Escola para Todos, com as práticas de gestão, firmadas na democracia e no direito à diferença.

Adriana da Silva Thoma e Madalena Klein, em seu artigo “Experiências educacionais, movimentos e lutas surdas como condições de possibilidade para uma educação de surdos no Brasil”, analisam a trajetória dos movimentos surdos, mais especificamente dos surdos do estado do Rio Grande do Sul (RS), a fim de problematizar as condições de possibilidade escolares para a implementação de uma política educacional bilíngue para surdos no Brasil.

Outra questão que emerge com as políticas de inclusão no campo da educação de surdos é a presença dos tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais. É nessa direção que o texto de Cristina Broglia Feitosa de Lacerda “Tradutores e intérpretes de língua brasileira de sinais: formação e atuação nos espaços educacionais inclusivos”, filia-se a este dossiê. No texto, a autora discute os aspectos que considera fundamentais para a formação de Tradutores/Intérpretes de Língua de Sinais (TILS) para atuarem na área educacional, levando em conta a demanda crescente por este profissional em todos os níveis de ensino e seu papel na efetivação de práticas de educação inclusiva bilíngue para pessoas surdas.

No campo das discussões sobre cultura surda, encontra-se o artigo “Produções culturais de surdos: análise da literatura surda”, de autoria de Lodenir Becker Karnopp, que faz uma análise sobre narrativas e histórias publicadas sobre surdos e a língua de sinais, a partir da publicação de livros impressos cuja temática fosse a surdez, a língua de sinais e/ou surdos. Dos materiais analisados, percebe-se que surdos contadores de histórias buscam o caminho da autorrepresentação na luta pelo estabelecimento do que reconhecem como suas identidades, através da legitimidade de sua língua, de suas formas de narrar as histórias, de suas formas de existência, de suas formas de ler, traduzir, conceber e julgar os produtos culturais que consomem e que produzem.

O oitavo artigo que compõe este dossiê, “Aprendendo a ler “com outros olhos”: relatos de oficinas de letramento visual com professores surdos”, de Tatiana Lebedeff, apresenta o resultado de um estudo que investigou a concepção e o uso de estratégias de letramento visual na educação de pessoas surdas. Para isso, apresenta o relato da realização de cinco oficinas de ensino de estratégias visuais para professores surdos.

Seguindo uma linha mais autobiográfica, o texto: “Da lógica da justificação à lógica da descoberta. Ser surdo num mundo ouvinte: um testemunho autobiográfico”, da portuguesa Orquídea Coelho, apresenta

o testemunho autobiográfico de uma pessoa surda, com o objetivo de salientar a situação de surdos que não têm acesso a uma educação condizente com as suas especificidades culturais e linguísticas, que não chegam à Universidade, não acedem a uma formação profissional qualificada, à independência econômica, social e afetiva, e, por isso, a uma vida digna como cidadãos.

O artigo que encerra este dossiê, “La inclusión a una comunidad de inteligencias. Apuntes para la reflexión a partir del ejemplo de los sordos”, de Andrea Benvenuto, faz uma provocação quanto ao processo de inclusão dos alunos surdos a partir do acesso destes à língua oral e escrita. Trata-se de uma provocação, já que autora nos convida a pensar o quanto as estratégias de elaboração e transmissão dos modos de dizer, dos modos de ler e de escrever inventadas pelos surdos não são tributárias do acesso a uma língua, senão à relação dos surdos com o mundo que parte de um único princípio, entendido como irreduzível, qual seja, o da inclusão a uma comunidade de inteligências.

Não temos dúvida de que os textos que compõem a proposta contribuirão significativamente para os debates em torno de questões contemporâneas importantes ao campo da Educação de Surdos, bem como aos campos que se entrecruzam neste, como o da Educação Especial e o da Educação Inclusiva. Assim, apostamos que, uma vez colocados em circulação, estes textos possibilitem e instiguem outras teorizações e maneiras de pensar as práticas educativas voltadas para as pessoas surdas.

Márcia Lise Lunardi-Lazzarin
Maura Corcini Lopes
Fernanda de Camargo Machado